

PAIS E FILHAS: UMA EXPERIÊNCIA DE ENVOLVIMENTO DE PAIS DE MENINAS NA PROMOÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DE SUAS FILHAS

**Vanessa Fonseca
Christine Ricardo**



PROMUNDO

PAIS E FILHAS: UMA EXPERIÊNCIA DE ENVOLVIMENTO DE PAIS DE MENINAS NA PROMOÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DE SUAS FILHAS

Vanessa Fonseca¹

Christine Ricardo²

Este trabalho teve como objetivo levantar pistas sobre como a dinâmica das relações entre pais e filhas influencia o empoderamento de meninas, visando à criação de uma campanha destinada aos pais sobre dificuldades e possibilidades de sua relação com suas filhas.

Introdução: Por que pensar o cuidado dos pais?

O Promundo, junto com organizações parceiras, tem trabalhado o envolvimento de homens jovens na equidade de gênero, considerando fundamental uma reflexão crítica sobre padrões e normas rígidas que não só produzem hierarquias entre homens e mulheres, como dificultam possibilidades singulares de expressão dos próprios homens. O cuidado paterno, incluindo o estabelecimento de relações mais próximas com os filhos, está entre um dos fatores normalizados por papéis de gênero. Via de regra, cabe ao pai a função de prover recursos materiais e apoiar a disciplina, enquanto à mãe o cuidado baseado no afeto, na saúde e na educação.

Uma revisão de literatura sobre paternidade na região da América Latina e Caribe, realizada por Barker e Verani (2008) para o Promundo, sugere que a participação dos homens na vida de seus filhos ainda permanece invisível ou excluída. As implicações disto são iniquidades na distribuição de tarefas domésticas e não participação dos homens na saúde e bem estar dos filhos, bem como impacto em sua própria saúde. Assim, a possibilidade de questionar estas normas e transformá-las tem se mostrado positivo tanto para homens quanto para mulheres.

Em 1994 e 1995, nas conferências de Cairo e Beijing, respectivamente, foram lançadas as bases, através de plataformas internacionais, para o envolvimento dos homens na equidade de gênero, incluindo maior participação dos pais nos cuidados com seus filhos. Somado a isto, as taxas crescentes de divórcio, a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e a atenção para o papel dos homens na saúde sexual e reprodutiva têm contribuído para um maior interesse sobre o impacto das relações dos homens no bem estar de seus filhos (Barker e Verani, 2008).

Investigações têm sugerido que a paternidade comprometida é boa para os homens (Barker e Verani, 2008). Homens que se envolvem de maneira significativa na vida com seus filhos relatam que esta é uma das maiores fontes de bem estar e felicidade. Pais implicados em relações carinhosas e de cuidado com seus filhos estão menos propensos a envolver-se em comportamentos de risco (tal como atividades criminais), bem como tornar-se pai e conviver com os filhos pode significar menor mortalidade para os homens (Weitoft, 2003 apud Barker e Verani, 2008).

Visto que o exercício da paternidade está fortemente relacionado a padrões de gênero, para além de uma oportunidade de crescimento dos próprios homens e de divisões mais equitativas de tarefas no espaço doméstico e público, a pesquisa Pais e Filhas buscou pistas sobre como o exercício da paternidade baseado na cultura do cuidado e do respeito influencia no empoderamento das meninas, seja por um modelo mais equânime através dos pais, seja pelo apoio e respeito às necessidades e desejos de meninas e mulheres jovens, algo ainda pouco mencionado nas investigações sobre paternidade. Aplicar uma perspectiva completa de gênero e direitos humanos deve começar com o respeito aos direitos na infância.

1- Assistente Sênior do Instituto Promundo

2- Co-diretora do Instituto Promundo

Se estudos que buscam chamar a atenção sobre o cuidado paterno têm aumentado, o número de programas que tentam promover este cuidado nos últimos 20 anos na região da América Latina e Caribe, ainda possui pequena escala e financiamento limitado. Ainda menor é o número de avaliações de impacto desses programas (Barker e Verani, 2008). No Brasil, o Promundo e organizações parceiras que fazem parte da Rede de Homens pela a Equidade de Gênero – RHEG têm buscado contribuir com ações e campanhas que buscam aproximar os pais de seus filhos.

Desde 2000, a RHEG (da qual o Promundo é um dos fundadores) mantém diversas ações relacionadas à melhoria das relações entre homens e mulheres. Recentemente (2008), a RHEG lançou a campanha *Dá licença eu sou Pai*, visando chamar a atenção para a falta de mecanismos legais – licença paternidade – que os homens têm para o exercício da paternidade no momento em que nasce (ou adota-se) uma criança. A licença paternidade no Brasil está estabelecida pela Constituição Federal (de 1988), como cinco dias consecutivos a partir da data de nascimento do filho. Passados 20 anos não houve um debate mais amplo acerca do tema. Dessa maneira os parceiros da RHEG fizeram um movimento de alcance nacional para começar a fomentar um debate em torno da licença paternidade.

Além disso, a revisão de literatura, que tem sido citada neste documento, realizada pelo Promundo, com apoio de Save the Children Suécia, em 2008, faz uma série de recomendações para ação, em termos de políticas, programas e pesquisas, como a necessidade de inclusão dos homens nas discussões sobre direitos da criança e redução da violência contra as crianças.

O projeto *Pai de menino pai de menina*: engajando pais pela promoção da igualdade de gênero, com o apoio Save the Children, ao longo de 2009, buscou engajar homens jovens e adultos no exercício da paternidade como uma estratégia de promoção da igualdade de gênero entre meninos e meninas, através de um curso para pais sobre o tema da paternidade e fotografia em uma comunidade do Rio de Janeiro. Ao final do processo, os pais fotógrafos, tiveram suas melhores fotos selecionadas para a *Exposição Fotográfica*, lançada na comunidade em janeiro de 2010. Este ano a exposição tem circulado diversos espaços da cidade do Rio de Janeiro, como uma estratégia para sensibilizar a população sobre o envolvimento masculino na criação de seus filhos.

A pesquisa *Pais e Filhas* visou contribuir para o debate sobre o envolvimento dos homens na promoção da equidade de gênero, através de sua relação com suas filhas. A campanha, produto desta pesquisa, tem sido feita em articulação com o projeto *Pai de menino, pai de menina*, em que pais que participaram dos encontros de reflexão deste projeto e pais que participaram dos grupos focais da pesquisa fazem uma reflexão sobre o que dificulta e quais são as vantagens de uma relação mais próxima com seus filhos. Esta reflexão é feita através de histórias digitais, em que os próprios pais escrevem, montam e narram suas histórias, ilustradas por imagens selecionadas por eles, em vídeos de até cinco minutos. As histórias servem como ferramenta para o debate com outros grupos de homens sobre possibilidades e vantagens de formas alternativas de ser pai, que não baseada em modelos rígidos, mas na relação em que se estabelece com o filho.

É importante destacar ainda que, embora nesta fase do trabalho buscou-se desenvolver ações voltadas para os pais, não se perdeu de vista que estas atividades não só beneficiam os homens, como, através da promoção de uma cultura do cuidado e do respeito, pode produzir o apoio necessário que meninas e mulheres jovens necessitam para desenvolver suas aspirações. O estudo dos fatores que apóiam o empoderamento de meninas e mulheres, a partir de pais e filhas, pode contribuir tanto para ações que abram espaço para reflexões sobre o papel do pai quanto para estratégias que estimulem os fatores que dificultam o empoderamento de meninas e mulheres jovens, a partir desta relação.

Sobre a metodologia para a pesquisa

A metodologia foi baseada na realização de grupos focais com pais, mães e filhas, além de entrevistas individuais em profundidade com pais selecionados a partir dos grupos focais. No total, foram realizados 5 grupos focais com pais, além de 4 entrevistas individuais, 2 grupos focais com mães e 6 grupos focais com meninas e mulheres jovens, separadas por faixa etária: 06-10, 11-14, 15-19, 20-24. A pesquisa foi feita com pais de 4 comunidades do Município do Rio de Janeiro.

O número de comunidades deveu-se à dificuldade de recrutamento dos homens para os grupos focais. Algumas estratégias foram utilizadas, como realização dos grupos em horários alternativos (noite e fim de semana) ou divulgação em espaços masculinos, como campeonatos de futebol na comunidade. Mas a pouca prática de envolvimento masculino em reuniões e assuntos relacionados aos cuidados com os filhos podem ter contribuído para o desinteresse na participação dos grupos com homens. A ausência dos pais na criação dos filhos nas comunidades pesquisadas, principalmente quando os pais estão separados, também foi um fator dificultador, tanto para o alcance e participação dos homens, como para a discussão com meninas sobre a influência de seus pais em seus comportamentos e atitudes. Na comunidade em que as ações do projeto Pai de menino, pai de menina estão sendo feitas, foram realizados os dois grupos focais com mães, dois com pais e quatro com filhas, um de cada faixa etária mencionada.

A extensão da faixa etária das filhas até os 24 anos teve como objetivo ampliar a observação sobre a influência dessas relações no empoderamento de mulheres, uma vez que até esta idade já é possível observar relações no casamento e na vida profissional de mulheres.

Como perceber a influência da relação com os pais no empoderamento das meninas?

Por empoderamento compreendemos o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino e reconhece suas habilidades e competências para criar, produzir e gerir. Falar em empoderamento das mulheres jovens implica: reconhecer o poder e a autonomia das mulheres para que tomem decisões sobre seu território: seu corpo, sua subjetividade, sua sexualidade, seu tempo, seu trabalho, seus recursos.

Ao expressar o objetivo da pesquisa como observar a influencia da relação entre pais e filhas no empoderamento de meninas, pretendíamos levantar pistas sobre como esta relação contribui para a promoção da equidade de gênero, que envolve equilíbrio no poder de decisão entre homens e mulheres sobre fatos que afetam a vida de ambos. Apesar de inúmeros avanços e conquistas, em geral, mulheres, principalmente mais jovens, ainda estão em desvantagem em relação aos homens no que diz respeito a acesso a bens e serviços, salários, situação de violência doméstica e poder de decisão sobre número de parceiros e momento em que desejam iniciar relações sexuais (Promundo, 2007). Assim, a partir da idéia de empoderamento buscávamos sinais de avanços nas conquistas femininas para a equidade/igualdade com os homens a partir da pesquisa sobre a relação de meninas com seus pais.

O termo foi apropriado da palavra inglesa “empowerment”, não livre de críticas. Embora encontremos nos dicionários significados para empoderamento, tais como “1. autorizar, permitir. 2. dar poder a, tornar possível” (dicionário Oxford) ou “1. dar autoridade oficial a ou poder legal. 2. habilitar, permitir, autorizar. 3. promover a auto-atualização ou influência de (Merriam-Webster), a partir dos movimentos sociais e trabalhos acadêmicos preocupados com o empoderamento de pessoas, houve um avanço na definição deste conceito, que passou a dar ênfase no sujeito como ativo, significando conquista e superação por parte daquele que se empodera. Muitos projetos sociais que têm tratado da promoção dos direitos, da saúde e de questões de gênero têm utilizado este conceito para falar do equilíbrio de poder entre grupos dominantes e grupos oprimidos, por exemplo, pessoas de menor poder aquisitivo, jovens, negros, homossexuais e mulheres, no caso da promoção da equidade de gênero. Assim, não se trata de alguém empoderar alguém - neste caso, pais empoderarem suas filhas. Mas de mulheres acreditarem e terem acesso aos direitos de decidir livremente sobre sua vida.

A partir do trabalho de Greene (2004), algumas pistas foram dadas para observar o empoderamento de mulheres jovens: possuem apoio para suas aspirações; tomam decisões autônomas sobre seu corpo, saúde e sexualidade; controlam sua renda e recursos pessoais; tomam decisões autônomas sobre educação e trabalho; têm oportunidades de lazer; têm acesso e usam serviços de saúde; sabem ler e escrever; são capazes de falar em público; são conscientes das iniquidades de gênero e como elas afetam as vidas de mulheres e homens; são conscientes de seus direitos; são conscientes da influência cultural e da mídia sobre o sentido que as mulheres têm de si mesmas.

Como a idade inicial das meninas na pesquisa era até 14 anos, alguns desses indicadores não podiam ser observados. Deste modo, a faixa etária das filhas foi ampliada para até 24 anos, em que não apenas a dinâmica na infância da relação entre pais e filhas poderia ser observada, como também o impacto dessa dinâmica.

Resultados:

Algumas pistas sobre equidade de gênero e relação entre pais e filhas

A partir dos depoimentos nos grupos focais e entrevistas, a pesquisa nos permite abordar diversos aspectos da vida de mulheres jovens e do papel de pai e mãe, que vão desde a questão das diferenças geracionais, brincadeiras, cuidados e castigos na infância, corpo e sexualidade. Entretanto, neste documento, daremos destaque ao depoimento dos pais em relação entre educação, expectativa de vida profissional e sexualidade e vida afetiva das filhas, que foram aspectos que pareceram fundamentais para compreensão dos avanços na promoção da equidade de gênero, a partir da relação entre pais e filhas.

O cuidado paterno tanto relacionado às questões de saúde mais diretas como levar ao médico quanto cuidar da higiene, do acompanhamento das tarefas escolares e da alimentação ainda aparece como secundário em relação ao papel da mãe. Assim, também é o diálogo sobre aspectos fundamentais da vida das meninas e mulheres jovens, principalmente no que diz respeito à sexualidade. Muitas vezes, no discurso das meninas, enquanto a mãe aparece como modelo, o papel do pai não costuma ser percebido como possibilidade de influência para a maneira como se comportam ou a construção de seus relacionamentos, principalmente quando os pais não vivem juntos. Este fato apareceu como um obstáculo a compreensão da influência de seus pais em seu comportamento, a partir do discurso das filhas.

No entanto, no discurso dos pais, foram percebidos avanços consideráveis no que se refere à busca para oferecer condições para que suas filhas terminem os estudos, alcancem uma boa profissão e não dependam economicamente de seus maridos:

Eu quero que ela estude, tenha uma faculdade, tenha um bom trabalho. Que ela não me dê dor de cabeça em não querer estudar. Isso tudo é o que vai valer. Vai deixa ela ser independente ter dinheiro. Depois pensa em namorar.

Ela tem que ter o trabalho próprio dele e não depender de homem nenhum. Se ela gostar da pessoa ela vai ficar e se não gostar ela vai ser uma pessoa independente [...] porque eu acho que mulher não tem que ficar dependente do homem não. Tem que correr atrás mesmo, ser independente. Se der certo numa relação deu, se não der vai partir pra outra, eu acho que seja isso.

Destaca-se no discurso dos pais a condição financeira, às vezes expressa como ter um bom emprego e até mesmo passar em concurso público, como fundamental em sua compreensão sobre o significado da autonomia ou independência das mulheres. Uma vez independentes financeiramente, as mulheres têm o poder de deixar seus maridos, o que é considerado legítimo pelos pais. Educação, atenção, cuidado, castigo ou disciplina foram mencionados como tendo o objetivo de “estimular” os estudos e não fazer com que a atenção das meninas seja desviada para algo que dificulte seu progresso na escola.

Existe também o reconhecimento das desvantagens que as mulheres encontram no mercado de trabalho, o que faz com que os pais estimulem e exijam um pouco mais de esforço das meninas:

[...] Vai chegar o momento que eu vou mostrar pra ela, porque pra ela vai ser mais difícil que pro irmão. Por causa da nossa sociedade. Nós temos mulheres maravilhosas, que arreventam, mas que são de segundo escalão. É... eu sou uma mulher, você é um homem... Nós dirigimos essa biblioteca aqui... Eu tenho que ser no mínimo duas vezes melhor que você pra assumir. O desenho da sociedade é priorizando o homem.

Para que suas filhas dêem prioridade aos estudos, é também consenso que, em relação às tarefas domésticas, meninos e meninas tenham os mesmos direitos e papéis. Entretanto, no que diz respeito à decisão por relacionamentos amorosos durante o início da adolescência, o controle das meninas aparece como mais importante. A possibilidade de uma gravidez ou a distração com o amor é visto como mais prejudicial para os estudos no caso das mulheres. Primeiro, é importante ter avançado nos estudos, depois pensar no namoro:

Por isso que eu falo para a minha filha ter o estudo dela, por isso que a gente tem que estar focado em cima deles. Se eles quiserem ser mãe ou pai, têm uma estrutura. Estrutura financeira... Por isso que eu falo muito, “Amor, namorar, beijar, sexo é gostoso”. Mas você tem que ter estrutura pra poder fazer isso...

Ela vai completar 15 anos. Eu conversei muito com a mãe dela, ela namorava escondida, queria namorar em casa. E eu falei, “Por mim não tem namoro. A prioridade para mim é o estudo.” E ela estava deixando de estudar mais. Ela tá fazendo um curso aqui, um preparatório... Isso com muita determinação, “tem que fazer então vai fazer...” Porque se deixar margem o negócio vai se perder, tem que colar mesmo.

Assim, embora a independência financeira de suas filhas seja o que os pais esperam para seu futuro e algo fundamental para o planejamento de estratégias para a criação de meninas, o controle da sexualidade é visto como condição para esse sucesso. Namoros e relacionamentos amorosos são percebidos como riscos quase certos de desvio dos estudos. Se, para as mães a gravidez pode ser a consequência mais grave dos relacionamentos amorosos na fase da adolescência, para os pais, o temor é de que suas filhas sejam magoadas e seu sofrimento tire a concentração nos estudos, baseando-se na crença de que mulheres são frágeis e homens nesta faixa etária são quase sempre mal intencionados:

A filha entrando nos catorze anos já pediu pra namorar! (risos) - Essa é a pior parte... Porque quando a gente foi namora a filha dos outros a gente não tava nem aí, agora tudo mudou.

Não, namoro pros dois é a mesma coisa. A única diferença que existe é a nossa cultura. O adolescente homem, ele é mais dominante. Então, dependendo do tipo de namoro que tiver, o namoro ficar mais inflamado, ficar mais sensual... Então, quando chegar a hora eu vou orientar muito com relação a se proteger emocionalmente. Porque pra seduzir, um “eu te amo” tem uma eloquência, um eco violento.

O controle da sexualidade das meninas não se dá sem conflitos. Muitas vezes os pais demonstraram constrangimento em diferenciar meninos e meninas na permissão de seus relacionamentos amorosos. São

diferenças, interpretadas como socialmente construídas, e o medo de as filhas serem magoadas que fazem com que os pais optem por buscar controlar os relacionamentos amorosos. Nota-se que esse controle aparece menos como o diálogo para a construção de formas equânimes de relacionamentos, mas como a proibição de namoros e castigos.

A diferença biológica, ou seja, ter um corpo diferente é percebido como algo que limita e constrange o diálogo e a aproximação dos pais das meninas:

A mãe é fundamental, dependendo do sexo do filho, por exemplo, se for uma filha mulher. Nós homens, não todos, mas a grande maioria, fica meio acanhado, “como eu vou falar da relação, sexo, pra minha filha?” Porque é uma coisa estranha. Poxa, eu não menstruo, meus seios não crescem... Como é que eu vou falar dessa fase?

Algumas conclusões e encaminhamentos

O interesse e o esforço demonstrado pelos pais para que as filhas estudem representa um grande avanço na promoção da equidade de gênero e no apoio ao empoderamento de mulheres. Os pais reconhecem os desafios e desigualdades sociais que as mulheres enfrentam e querem que as suas filhas tenham a possibilidade de superá-los, reconhecendo a educação e a independência financeira como a melhor maneira. Entretanto, em vez do questionamento e a busca de transformação de normas sociais que produzem desigualdades, o que se percebe em seu discurso é a exigência de um maior esforço por parte de suas filhas para que alcancem autonomia (resumida à independência financeira), dentro deste sistema social desigual. O controle dos relacionamentos amorosos na adolescência apresentara-se como parte fundamental deste esforço.

A sexualidade mostrou-se, assim, como um dos principais elementos de divisão de gêneros na criação de meninos e meninas. Um dos principais sinais de empoderamento de mulheres, que é a capacidade de “tomar decisões autônomas sobre seu corpo, saúde e sexualidade” (Greene, 2004) não tem recebido apoio. A partir destes resultados, destaca-se a importância de desmistificar padrões de gênero que dificultam o diálogo entre pais e suas filhas, principalmente na adolescência, apontando para as contradições que existem na proibição de que mulheres jovens tenham relacionamentos saudáveis e a expectativa de que essas mulheres sejam independentes de seus parceiros no futuro. As diferenças corporais entre homens e mulheres, que também se mostram fator de desconhecimento e desconforto para o diálogo entre pais e filhas, também precisa ser questionada. E os pais têm-se mostrados abertos e desejosos destas reflexões.

Como produtos da campanha até o momento para tratar destas contradições, foi feita uma tirinha em quadrinhos em um jornal local, parte de outro projeto destinado a homens, em uma das comunidades pesquisadas, além das histórias digitais que abordam a possibilidade e as vantagens dessa relação mais próxima entre os pais e suas filhas.

Para uma reflexão maior sobre fatores que contribuem para o empoderamento de mulheres, é importante analisar como meninas e mulheres jovens percebem sua relação com seus pais e que possibilidades elas têm de lidar com limites que lhes são impostos por normas de gênero.

Bibliografia:

BARKER, Gary e VERANI, Fábio. Men's Participation as Fathers in the Latin American and Caribbean Region: A Critical Literature Review with Policy Considerations. Rio de Janeiro: Promundo, 2008 (Relatórios)

Greene, M. Revisión de la literatura y el marco teórico acerca del empoderamiento de mujeres jóvenes. Cuernavaca: México. Mimeo, 2004

PROMUNDO, SALUD e GÉNERO; ECOS; Instituto PAPAI; WORLKD EDUCATION. Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Promundo, 2008, 146p.